

## **AGRONEGÓCIO E SUAS CONTRADIÇÕES: Produzir Para Quem?**

Ayrton Senna Silva do Nascimento<sup>1</sup>  
Francine da Silva Santos<sup>2</sup>  
Ingrid de Oliveira Guimarães<sup>3</sup>

### **Resumo**

O presente texto visa mostrar os problemas que o agronegócio com sua soberania vem gerando ao decorrer dos anos, e como uma alternativa possível, trazer a agroecologia juntamente com seus princípios, como um novo paradigma incentivador de uma produção saudável e igualitária, contudo, não banalizando o termo como mais uma forma de “salvar o meio ambiente”, pensamento extremamente difundido no senso comum. Traremos como exemplo, a cooperativa UNIVERDE, formada por agricultores e agricultoras da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro. A cooperativa UNIVERDE produz e comercializa alimentos orgânicos através de um ideal de responsabilidade e de forma integrada com o meio e a comunidade do entorno.

**Palavras-chave:** Agronegócio, contradições, desenvolvimento, agroecologia.

### **Introdução**

Mudanças ocorreram e permanecem acontecendo no campo brasileiro, com o discurso de desenvolvimento há a imposição de um modelo hegemônico que nega a existência de outras formas de fazer, negam os conhecimentos dos povos tradicionais, do homem do campo, daqueles que sempre tiraram sua sobrevivência através do plantar de forma integrada com o meio vivido.

Uma das bases que caracterizam o capitalismo é a busca incessante para a aquisição de lucro, sendo assim o que deveria ter extrema importância para a manutenção da vida, toma um novo sentido. Sentido esse que exclui uma série de histórias e vivências, que degrada meio ambiente, que reduz a biodiversidade de forma contrastante. Gorender (2013, p.21) afirma que “no modo de produção capitalista constituído, a agricultura não é somente agricultura; ela é também um ramo industrial como a siderurgia, a tecelagem, o ramo mecânico, como o ramo químico ou qualquer outro”. É, sobretudo, uma agricultura que se desenvolveu nos moldes capitalistas de produção.

Temos a noção que não podemos negar que a produção de alimentos em larga escala aumentou, porém, o atual modelo se apóia no discurso de que produzindo muito reduziria

---

<sup>1</sup>Graduando em geografia pela UFRRJ-IM/ e-mail: ayrton.silva93@gmail.com

<sup>2</sup>Graduanda em geografia pela UFRRJ-IM / E-mail: francinesantos060@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda em geografia pela UFRRJ-IM / E-mail: ingridoliveirag@hotmail.com

problemas relacionados à fome. Cabe-nos analisar criticamente se isso se estabelece ou não. Fato é que se produz muito, mas muito de uma coisa só, para grupos específicos e para fins de exportação, reduzindo de forma extrema a diversidade de alimentos que poderiam ser plantados.

Uma das diversas coisas que caracterizam o agronegócio é, sobretudo, a sua forma de fazer, baseado no monocultivo. Hectares e hectares de terras se reduzem e se resumem a produzir uma coisa só, de forma incessante, ilimitada, sem pausa, utilizando uma série de insumos, no qual sem eles o atual sistema não teria condições alguma de se manter. Se pauta em um agricultura extremamente especializada e excludente, em que o homem do campo, o pequeno agricultor não tem espaço, perdeu o valor, e talvez para o atual modelo, ele nunca tenha tido. De forma cruel, é justamente dizer que sua atuação, seus saberes não possuem relevância alguma, são apenas mais um exemplo de rugosidades no espaço.

Nossa proposta é analisar criticamente os diferentes discursos referentes às formas de produção de alimentos e como se dá a distribuição dos mesmos, sendo assim, tomaremos por pressuposto dois olhares, de um lado, os homens do campo e de outro, o agronegócio, evidenciando suas contradições no que tange, por exemplo, a discussão sobre a fome, trazendo a agroecologia, como uma fonte rica de conhecimento e que agrega valores aos alimentos produzidos. Para Miguel Altieri a agroecologia:

Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais.(ALTIERE, 2004, p.23).

A partir das crises ambientais, sociais e econômicas que assolam constantemente os países, a discussão para uma produção mais justa, humana e sustentável de alimentos cresce de uma maneira grandiosa, sendo assim, temos como um das propostas do trabalho trazer esta outra possibilidade.

### **Compreendendo o agronegócio**

O modelo de agricultura do Brasil é hoje um dos mais “modernos” do mundo, sendo capaz de produzir toneladas de alimentos para serem exportados, mas ainda assim é grande o número de brasileiros que sofrem diariamente com o mal da fome dentro de suas casas, algo muito controverso, e ao mesmo tempo assustador. A vasta extensão territorial existente em nosso país somada a enorme abundância de água, e luz solar fez com que o agronegócio se implantasse com muita força em nosso território, desencadeando uma série de problemas ambientais e sociais no campo.

O fato de o Brasil estar há quase dez anos no topo da lista de países que mais consomem agrotóxicos no mundo é apenas um dos indicadores do caminho negativo, e perverso que o nosso modelo de agricultura atual vem tomando nos últimos anos. As brechas encontradas nas leis ambientais, e na lei que regula o uso, o consumo, a produção e a distribuição de produtos químicos como os agrotóxicos tornaram o Brasil campeão em mortes por esses venenos. Neste caso tendo como principal vítima os trabalhadores rurais, que diariamente estão em contato com esses produtos químicos.

Segundo Sérgio Leite e Leonildo Medeiros através do dicionário da educação do campo o termo agronegócio:

Foi criado para expressar as relações econômicas (mercantis, financeiras e tecnológicas) entre o setor agropecuário e aqueles situados na esfera industrial (tanto de produtos destinados à agricultura quanto de processamento daqueles com origem no setor) comercial e de serviços. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 81).

E o que podemos observar em sua dinâmica recente, é uma tendência esmagadora desse setor em controlar cada vez mais áreas de terras com intuito de produzir enormes monoculturas de alimentos. Alimentos estes voltados principalmente para o mercado externo do país, como a soja, o milho e a cana-de-açúcar. Faz-se necessário lembrar também do alto grau de desmatamento que acontece diariamente para a pastagem de gado, sendo atualmente o mercado de carne bovina um dos grandes pilares do agronegócio, tendo como principal consumidor o mercado externo, rendendo bilhões de reais a empresários desse ramo.

Carlos Walter, ao trabalhar essa lógica capitalista e mercantil das monoculturas no livro “A Globalização da Natureza e a natureza da globalização”, salienta que:

A monocultura de alimentos (e outras) é, em si mesma, a negação de todo um legado histórico da humanidade em busca da garantia de segurança alimentar na medida em que, por definição, a monocultura não visa alimentar quem produz e, sim a mercantilização do produto. Sequer podemos falar de produção de excedentes com a monocultura, até porque essa idéia pressupõe que o produtor direto vende o que lhe excede, o que está longe de ser o caso. Assim, a relação entre o produtor e o produto muda de qualidade e, mais ainda, a quantidade torna-se a qualidade mais desejada. (GONÇALVEIS, CARLOS, 2006, p. 213).

Entender como funciona e sobretudo quem está por trás desse modelo de agricultura perverso que teve sua origem nos EUA na década de 1940 é de extrema importância para o trabalho. A exportação da revolução agrícola que começou nos Estados Unidos e logo foi introduzida no México foi o primeiro passo para o surgimento do que conhecemos hoje como “revolução verde<sup>4</sup>”, com o discurso de aumentar a produção agrícola e conseqüentemente acabar com a fome no planeta, introduziu no campo, principalmente nos países de terceiro mundo, novas tecnologias, que acarretaram no surgimento de novos problemas sociais como o êxodo rural, sem falar também nos danos ambientais que foram aparecendo de maneira muito rápida.

Luiz Carlos Machado, e Luiz Carlos Machado Filho são outros autores que compõem o corpo bibliográfico deste trabalho, na perspectiva de se entender melhor o capital como interesse e base de grandes corporações internacionais que visam apenas o lucro de suas empresas, e exploram cada vez mais os recursos naturais na busca de se manterem no topo do mercado do agronegócio. Juntos, com relação a “revolução verde” os dois autores afirmam que:

A essência da “revolução verde”, hoje gerida explicitamente pelo capital financeiro, que controla o pequeno grupo de multinacionais que detém as patentes das sementes e a produção de fertilizantes e agrotóxicos, é mudar o ambiente e implantar as imensas monoculturas, incorporando grandes contingentes energéticos, via “insumos modernos”, produtos do petróleo, todos produzidos pelas multinacionais, que por sua vez, são controladas pelo capital financeiro que, assim,

---

<sup>4</sup> **Revolução-verde:** refere-se à invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas, o modelo se baseia na intensiva utilização de sementes geneticamente “melhoradas” (particularmente sementes híbridas), produtos químicos (fertilizantes e agrotóxicos), na mecanização, produção em massa de produtos homogêneos e diminuição do custo de manejo.

realiza a reprodução do capital em um novo segmento econômico, o agronegócio , ou agricultura industrial. (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 54)

O agronegócio traz consigo uma enxurrada de contradições no que diz respeito ao seu discurso, e o que de fato ele representa para a maioria das pessoas hoje, principalmente para as que vivem no campo. De fato seu objetivo é produzir toneladas, e mais toneladas de carnes e grãos, mas tudo isso com uma única intenção, a de exportar essas mercadorias para a maior quantidade de países possíveis. Os países europeus, e até mesmo países Asiáticos são os principais fregueses do Brasil, rendendo bilhões todos os anos.

O que vemos hoje é uma massiva disseminação nos meios de comunicação, de propagandas com caráter meramente ideológico de exaltação ao agronegócio, ou seja, uma manipulação que transforma esse setor em algo próspero, positivo e solucionador de todos os problemas, como a fome e a miséria por exemplo. O objetivo do agronegócio é disseminar essa idéia em todas as camadas sociais, e para isso o marketing e as propagandas andam lado a lado, tendo como porta voz os principais meios de comunicação usados pelos brasileiros.

A fome não é algo novo em nosso país, e mesmo com a inserção de novas tecnologias no campo e com o considerável aumento da produção agrícola, ainda sim podemos perceber o quão controverso é o discurso do agronegócio. Centenas, se não milhares, de famílias padecem de fome todos os dias nas diferentes regiões do Brasil. A revolução verde não conseguiu acabar com a fome na América Latina, África e Ásia, como prometia, quase 70 anos depois do seu surgimento o número de famintos no mundo é muito maior, e o poder de aquisição é quem determina quem vai ou não se alimentar. Aos que têm baixo poder de aquisição na maioria das vezes não lhes resta outra opção se não se alimentar de alimentos contaminados com altas doses de agrotóxicos, os que possuem um poder aquisitivo maior tentam se “esquivar” do perigo dando preferência a alimentos orgânicos, e desse modo o Brasil acaba carregando um triste cenário de desigualdade no que tange a questão alimentar.

Josué de Castro em uma das suas mais famosas frases já afirmava que “Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come.”, essa frase e os seus pensamentos com relação a fome ainda são bastante pertinentes nos dias de hoje, podemos perceber que numa escala de tempo muito grande pouca coisa mudou. Até 2013<sup>5</sup> nosso país ainda se encontrava no mapa da fome<sup>6</sup> no mundo, e quatro anos depois de

<sup>5</sup> **Link:** <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/23/Como-o-Brasil-saiu-do-Mapa-da-Fome.-E-por-que-ele-pode-voltar>

sua saída do mapa o país corre o risco de voltar, devido a fatores como o avanço da pobreza, a alta no desemprego, e o corte de programas sociais que eram mantidos pelo governo.

Segundo Castro (1946, pág. 293.), “A Fome no Brasil, é consequência, antes de tudo, do seu passado histórico, com seus grupos humanos sempre em luta e quase nunca em harmonia com os quadros naturais”, passado histórico este que transformou o país num enorme poço de desigualdade social. Onde as classes sociais mais baixas foram sempre marginalizadas, assim sendo, Josué de Castro já demonstrava em sua época a deficiência alimentar vivida pela população brasileira através do tamanho cenário de desigualdades que naquela época já era bastante perceptível para esse grande médico, geógrafo e cientista social.

### **Progresso e regresso: um antagonismo relacional**

O desenvolvimento enquanto processo de busca incessante do sistema capitalista, parte do pressuposto de um atraso a priori a sua chegada. O atraso para os agentes do capital pode ser percebido em diversos âmbitos, porém o econômico assume primazia enquanto mais importante. Decorrente a pesquisas em sites como o Instituto de pesquisa econômica aplicada, (IPEA) há um fomento benéfico para o atual modelo. Segundo dados do site, o agronegócio brasileiro caminha junto com o desenvolvimento sustentável. Para Santos e Vieira Filho ambos pesquisadores do IPEA<sup>7</sup> em um artigo discorrendo sobre o agronegócio e o desenvolvimento sustentável no Brasil, afirmam que: “Foi-se o momento em que o desenvolvimento nacional estava desalinhado com as questões ambientais. O agronegócio não sobrevive sem a sustentabilidade produtiva”. (2016, p. 2) Cabe-nos aqui questionar.

Pensar na existência de um modelo de desenvolvimento sustentável, é ao mesmo tempo conceber a falha de um outro, pautado na exploração exacerbada dos recursos, sem o mínimo de consciência ambiental. Contudo, a outra alternativa não se vale enquanto parâmetro, pois se nos atentarmos às transformações que ocorreram a partir da difusão de tal discurso, com relação a exploração, podemos afirmar que não houveram mudanças significativas, mas o que de fato ocorre são grandes empreendimentos aplicando medidas compensatórias, como forma de “balancear”, se é que podemos dizer isso, a degradação

---

<sup>6</sup> **Mapa da fome:**A FAO divulga periodicamente, desde 1990, o Mapa da Fome no mundo, indicando em quais países há parte significativa da população ingerindo uma quantidade diária de calorias inferior ao recomendado.  
<sup>7</sup> Artigo disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3268&catid=29&Itemid=34](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3268&catid=29&Itemid=34)

causada por determinadas atividades, vide as plantações de eucaliptos, mais conhecidas como desertos verdes. Há a troca de uma riqueza, de uma floresta biodiversa, pela pobreza de um monocultivo.

Quando pensamos em uma regressão acarretada pelos discursos de progresso, estamos embasados no que Porto Gonçalves (2006, p. 61) afirma, que “ a ideia de progresso e, sua versão mais atual, desenvolvimento é, rigorosamente, sinônimo de dominação da natureza”. Pensar nesses discursos que o atual modelo de produção se pauta, é ao mesmo tempo perceber as contradições e mazelas que o mesmo gerou e ainda permanece. Quando paramos para analisar os recursos midiáticos que são utilizados para disseminar o agronegócio, trazendo um imaginário de uma atividade geradora de emprego, de renda, de oportunidades, que preza suprir a fome, entre outras afirmações como a atual propaganda transmitida pela Rede Globo de televisão afirmando que “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”<sup>8</sup>, percebemos que o poder se estabelecendo de diversas formas, inclusive a partir da apropriação de recursos tecnológicos acessíveis aos atores hegemônicos, os recursos midiáticos.

Em suma, o sistema capitalista penetrou até nas formas de produzir alimentos, contudo, ao invés de alimentar os seres humanos ou o país em que se produz, alimenta-se um outro tipo de fome, de anseio, a do capital. Vandana Shiva afirma que:

A agricultura moderna gira exclusivamente em torno da produção de mercadorias agrícolas. Toma o lugar dos sistemas de saber locais que vêem a agricultura como a produção de diversas safras com insumos internos, substituindo essa diversidade por monoculturas de variedades estrangeiras que precisam de insumos industriais externos. O foco exclusivo nos insumos externos e na produção comercial destrói as safras diversificadas de legumes, sementes oleaginosas e painço e rompe com os ciclos ecológicos locais; na tentativa de aumentar a produção de uma única safra, cria monoculturas de certas variedades. (Shiva, 2003, p.79)

### **Agroecologia: Por uma outra possibilidade de se produzir alimentos**

O modo como estamos produzindo hoje no Brasil gera quantidades exorbitantes de alimentos que, na sua grande maioria, não chega em nossas casas, mas sim serve ao mercado externo do país. Assim, a produção de alimentos tem sido fonte de preocupação de muitos pesquisadores.

<sup>8</sup>Link da propaganda: <https://www.youtube.com/watch?v=nfkcWJQzjH8>

Segundo o IBGE –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- a agricultura familiar é a maior responsável pela produção de alimentos que chega a nossa mesa. Então, o que seria a agricultura familiar?

Segundo a Lei nº 11.326 de 24 de julho de 2006:

A agricultura familiar, segundo definição da lei é aquela a qual preenche os seguintes requisitos, constantes do artigo 3º: Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

- I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;
- II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;
- III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; (Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011)
- IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, 2006)

São pequenos e médios produtores rurais, constituídos muita das vezes de comunidades tradicionais, assentados da reforma agrária, MST, entre outros. Porém, ser agricultor familiar não significa produzir alimento livre de transgênicos ou agrotóxicos.

Para a regulamentação desses agricultores familiares surge o Pronaf<sup>9</sup> que marca a intervenção do Estado na agricultura brasileira, porém é um programa contraditório que incentiva os agricultores através de créditos a produzirem um tipo de produção que é o agronegócio, a invés de auxiliar esse produtor no incentivo de produzir sem agrotóxicos e transgênicos.

A partir dessa maciça produção da agricultura industrial, a soberania alimentar tornou-se um assunto muito em voga na sociedade e no meio acadêmico. A soberania alimentar seria o direito que o povo tem de definir como produzir, o que produzir e as políticas que regem essa dinâmica, assim ela está intimamente ligada a segurança alimentar que são ações que garantem a população alimentos de qualidade e em quantidades suficientes.

O uso cada vez mais excessivo de agrotóxicos e a crescente demanda do agronegócio desestrutura essa relação com a soberania alimentar e segurança alimentar, pois eles contaminam o solo e a água trazendo consequências para o meio ambiente e o ser humano.

A luz desse apanhado, trouxemos a agroecologia como saída dessa forma irresponsável de se produzir. Esse modo de produção utiliza os recursos naturais com mais

---

<sup>9</sup> PRONAF - Agricultura Familiar e do desenvolvimento Agrário: O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

consciência, ou seja, produzir sem prejudicar a natureza baseado em conhecimento e técnica dos povos tradicionais, tornando-se um novo paradigma do desenvolvimento rural.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a Agroecologia se constitui num paradigma capaz de contribuir para o enfrentamento da crise socioambiental da nossa época. Uma crise que, para alguns autores, é, no fundo, a própria crise do processo civilizatório. Diante dessa crise, os problemas ambientais assumiram um status que ultrapassa o estágio da contestação contra a extinção de espécies ou a favor da proteção ambiental, para transformar-se “numa crítica radical do tipo de civilização que construímos (CAPORAL et al., 2006, p. 46).

Como estudo de caso e exemplo de produção agroecologia, usamos a UNIVERDE (Cooperativa de Agricultura Familiar e Produtos Orgânicos) localizada no município de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, que é uma forma de agricultura urbana desenvolvidas na Baixada Fluminense. Essa cooperativa, formada por maioria de mulheres, nasceu através de hortas comunitárias e suas atividades são desenvolvidas nos dutos da Petrobras no bairro Geneciano. Todo a produção da cooperativa é capaz de atender as famílias que fazem parte, em quantidade e qualidade e a outra parte é vendida na famosa feira da roça no Centro de Nova Iguaçu, com seus produtos livres de agrotóxicos e adubos químicos, recebendo assim o certificado de produto orgânico emitido pelo governo. Essa cooperativa é um exemplo concreto de que mesmo em áreas urbanas, mesmo que haja dificuldades e que a situação em que vive é precária, dá para plantar e produzir alimentos de qualidade que não prejudicam o meio ambiente e que possua uma relação de cooperatividade entre as ações humanas e a natureza.

## Referências Bibliográficas

ALTIERE, Miguel Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / Miguel Altieri. – 4 ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRASIL. Lei n. 11.326 de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 25 jul. 2006. Disponível em . Acesso em 20/09/2017

CALDART, Roseli Salete et al. Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012. 59 p. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/1191>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CAPORAL, Francisco Roberto ;COSTABEBER, José Antônio ; PAULUS, Gervásio . Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável.[S.l.], 2006. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia%20%20Novo%20Paradigma%2002052006-ltima%20Verso1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CASTRO JOSUÉ. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro, 10ª edição, Edições Antares, 1984.

GORENDER. Jacob. Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro. IN: Stedile, J.P (Org.) A questão agrária no Brasil. São Paulo: Expressão popular, 2013. p. 19-54

LEITE, SÉRGIO; MEDEIROS LEONILDO. Dicionário da educação do campo. In: Agronegócio. Rio de Janeiro, São Paulo, pág. 81 -87. 2012.

MACHADO, Luiz; MACHADO FILHO, Luiz. Dialética da agroecologia. São Paulo, 1ª edição, edit. Expressão Popular, 2014.

PORTO-GONÇALVES, CARLOS. A globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. Rio de Janeiro, edit. Civilização brasileira, 2006.

Santos, Maria Aparecida; Vieira Filho, José Estácio. O agronegócio brasileiro eo desenvolvimento sustentável. Revista de informações e debates do IPEA, ed 87, 2016.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

UNIVERDE, produção com autonomia. Disponível em: <<http://aspta.org.br/2011/10/univerde-producao-com-autonomia/>>. Acesso em: 20 set. 2017.